



3866 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

SABERES E TRADIÇÕES CULTURAIS NA ESCOLA TENTEHAR: OUTRAS NARRATIVAS, NOVAS POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS

Maria Jose Ribeiro de Sa - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria da Conceição Xavier de Almeida - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

RESUMO

O estudo apresenta fundamentações iniciais de uma tese. O problema de pesquisa decorre da necessidade expressada pela comunidade investigada em ressignificar seus saberes e tradições culturais na prática educativa da escola. Seu objetivo é construir, com as vozes indígenas Tentehar, uma proposta pedagógica para o ensino-aprendizagem de saberes, tradições e práticas culturais ancestrais na escola indígena local. Em sua fase inicial, o desenvolvimento do estudo ampara-se nos pressupostos da abordagem qualitativa e do método etnográfico. O estudo de caso ocorre com os Tentehar da aldeia Juçaral, Terra Indígena Arariboia, município de Amarante do Maranhão. Os sujeitos serão seus moradores, em diferentes pertencimentos sociais, a saber: mestres de saberes; lideranças; professores; juventude (estudantes); pais e mães. A análise dos resultados será compreensiva. As técnicas de produção de dados, a priori são: entrevistas individuais e coletivas; pesquisa documental e fotoetnografia. Esperamos com os resultados oportunizar uma educação para diversidade, aberta ao diálogo epistemológico com saberes Tentehar. A fim de emprendermos a busca pela democracia cognitiva na educação.

Palavras-chave: Povos Tentehar. Saberes culturais. Educação Escolar.

SABERES E TRADIÇÕES CULTURAIS NA ESCOLA TENTEHAR: OUTRAS NARRATIVAS, NOVAS POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS

RESUMO

O estudo apresenta fundamentações iniciais de uma tese. O problema de pesquisa decorre da necessidade expressada pela comunidade investigada em ressignificar seus saberes e tradições culturais na prática educativa da escola. O objetivo geral do estudo é construir, com as vozes indígenas Tentehar, uma proposta pedagógica para o ensino-aprendizagem dos saberes, tradições e práticas culturais ancestrais na escola indígena local. Em sua fase inicial, o desenvolvimento do estudo ampara-se nos pressupostos da abordagem qualitativa e do método etnográfico. O estudo de caso ocorre com os Tentehar da aldeia Juçaral, Terra Indígena Arariboia, município de Amarante do Maranhão. Os sujeitos serão seus moradores, em diferentes pertencimentos sociais, a saber: mestres de saberes; lideranças; professores; juventude (estudantes); pais e mães. A análise dos resultados será compreensiva. As técnicas de produção de dados, a priori são: entrevistas individuais e coletivas; pesquisa documental e fotoetnografia. Esperamos com os resultados oportunizar uma educação para diversidade, aberta ao diálogo epistemológico com saberes tradicionais Tentehar. A fim de emprendermos a busca pela democracia cognitiva na educação.

Palavras-chave: Povos Tentehar. Saberes culturais. Educação Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se insere nos debates sobre a educação escolar indígena. Decorre da necessidade de empreender nas escolas indígenas o exercício de uma nova prática educativa que dialogue com os saberes e tradições culturais específicos de cada povo indígena brasileiro. Intencionamos nesse texto mostrar alguns apontamentos teóricos, discussões epistemológicas, problema de pesquisa, objetivos, metodologia e resultados esperados que norteiam essa pesquisa que se encontra em sua fase exploratória.

Inicialmente falamos sobre o processo de opressão sociocultural sofrido historicamente pelos povos indígenas brasileiros. Situamos a Constituição de 1988, como marco que promove uma ruptura epistemológica com esse processo de exclusão sociocultural, ao conceder o direito aos povos indígenas a educar nas escolas indígenas seus estudantes, segundo seus saberes e tradições ancestrais. Na sequência, apontamos que a educação escolar é monocultural, portanto nega a diversidade e cultua o saber científico como única narrativa possível para compreender o mundo. Nessa direção, as escolas precisam dialogar com a diversidade experiências cognitivas dos indígenas brasileiros. Inclusive, a Tentehar que ainda pouca dialoga com seus saberes ancestrais. Por fim, esperamos como resultados iniciar um movimento que pense o exercício do diálogo e religação de saberes na escola Tentehar, a fim de emprendermos a busca pela democracia cognitiva na educação.

2 SABERES ANCESTRAIS NA ESCOLA INDÍGENA TENTEHAR

A visão etnocêntrica do colonizador português para com os povos indígenas brasileiros justificou a violência física e simbólica. Essa opressão sociocultural impôs aos nativos os valores cristãos europeus, proibindo o uso de línguas nativas, cultos, tradições e práticas culturais. Tal processo opressor, também criou no imaginário nacional uma visão estereotipada e preconceituosa para com os povos indígenas. Em decorrência, segundo Munduruku (2017, p. 56) "O Brasil não conhece sua sociodiversidade nativa, pois ainda está à mercê de (pre)conceitos quinhenistas, pois não consegue acompanhar a riqueza de diversidade, reproduzindo estereótipos e desvalorizando os saberes ancestrais dos povos indígenas".

Fruto da luta do movimento indígena contra esse processo histórico de desvalorização, a partir da Constituição de 1988, os povos indígenas brasileiros conquistaram, entre outros direitos, o de incluir, na educação escolar, seus valores, suas crenças, suas línguas, ou seja, seus saberes culturais (SÁ, 2014). O direito a educação escolar indígena intercultural e bilíngue, específica e diferenciada, remeteu a

cada comunidade autonomia para autogerir a sua escola, com projeto pedagógico específico. E, assim, desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades (BRASIL, 1996).

Compreendemos que o direito a construir uma outra escola aberta a acolher conhecimentos das diferentes sociedades indígenas brasileiras, foi um grande passo dado rumo a provocar uma ruptura epistemológica na educação escolar e no seu ensino, já que a mesma, desde a sua origem em meados do séc. XVI, concebida pela e para a racionalidade da cultura ocidental fechou-se nessa epistemologia monocultural (VEIGA-NETO, 2003). A partir da Carta Magna de 1988, rompe-se, portanto, com a lógica dominante que tem educado exclusivamente pelo paradigma do conhecimento científico. Sob esse aspecto, salienta Almeida (2017, p. 90) que "é necessário ter consciência de que o conhecimento construído, partilhado e transmitido pelas instituições de ensino se reduz, em grande parte, à cultura científica". Padronização, que nega a diversidade e celebra uma prática científica monolítica, que nivela indivíduos, subsumi suas individualidades e cultua um modelo único de narrar o mundo (ALMEIDA, 2017). Confinadas a uma única forma de conhecimento – a científica, as escolas e universidades comprometem "[...] uma democracia cognitiva e subjuga a diversidade dos saberes a um único método e modo de pensar – além, é claro, de desperdiçar uma infinidade de descobertas e sistematizações de conhecimento que emergem nas margens do conhecimento científico formal" (ALMEIDA, 2017, p. 92).

Os saberes, práticas e tradições culturais de mais 305 povos indígenas brasileiros, falantes de aproximadamente 274 línguas e dialetos, fazem parte do rol conhecimentos que a sociedade nacional desconhece. Diz Munduruku (2017), que é preciso conhecer toda essa diversidade se quisermos ser justos com todos esses povos. Para este autor, precisamos olhar a história sob a óptica dos povos nativos para não incorreremos na falsa ideia que a vida ocidental é o nosso único ponto de referência. Nos lembra bem a antropologia, "[...] a maneira como vivemos, os valores em que acreditamos, não são os únicos possíveis; que outros gêneros de vida, outros sistemas de valores, permitiram, permitem ainda comunidades humanas encontrar a felicidade" (LÉVI-STRAUSS, 2012, p.33-34).

Esse estudo parte da premissa que os saberes, ciências e tradições culturais dos diferentes povos indígenas, entre estes a dos Tentehar, comportam um conjunto de princípios e valores de convivência que educam. Há uma educação que subjaz aos saberes e práticas culturais ancestrais Tentehar, inerente ao ethos Tentehar, que é "[...]a relação harmoniosa entre natureza e sobrenatureza" (SÁ, 2014, p. 204). Para esta autora, é na relação Tentehar-natureza que estão fincados múltiplos saberes e imaginários que esse povo desenvolvem no seu cotidiano, como: saber caçar, saber cantar, saber adornar-se, saber tecer redes, cesterias, saber curar-se através de plantas por intermédio ou não da pajelança. Seus rituais, são formas de agradecer e reverenciar os espíritos e a natureza por todos esses saberes.

Embora, os povos indígenas, entre os quais Tentehar, tenham conquistado o direito de narrar e educar seus estudantes segundo seus conhecimentos e ciências tradicionais, os Tentehar da aldeia Juçaral, vivenciam problemas na educação escolar local, tais como:

- Há uma prática educativa que pouco dialoga com os saberes nativos, o modelo escolar tradicional, a base do currículo com sete disciplinas, permanece a ser ensinado na escola, com raríssimas exceções vinculados ao saber local.
- As crianças são alfabetizadas em português, embora para algumas lideranças a alfabetização das crianças por meio da língua Tentehar possa fortalecer a língua nativa, esse processo ainda não ocorre.
- Ao comparar o conhecimento da natureza entre as gerações mais velhas e as novas gerações, o professor Toinho Guajajara relatou a Sá (2014, p. 195) que "os velhos não tinham estudo, mas sabiam preservar bem a natureza e os mais novos tão estudando e não sabe". Essa desaproximação da juventude Tentehar de seus saberes tradicionais é preocupante, tendo em vista que o processo de degradação ambiental que enfrenta a TI Arariboia, põe em risco seus saberes e práticas culturais, ou seja, a sobrevivência desse povo.

Sobre as questões acima apontadas, as duas primeiras evidenciam que a transmissão do conhecimento na escola permanece redutora, presa ao conhecimento científico. Ao falar da educação para a complexidade e a importância da religação dos saberes, reconhece Almeida (2017) que temos de um lado um saber científico fracionado e não comunicante; de outro, o saber tradicional, desacreditado, quando há alusão a estes nos conteúdos escolares, aos mesmos são imputadas qualidades de um saber sem rigor, um saber menor. Talvez, o desconhecimento do valor epistemológico dos seus conhecimentos ancestrais pelos próprios indígenas, bem como a crescente aproximação com o universo da cultura ocidental influa no terceiro problema apontado acima. De acordo com Munduruku (2017) boa parte dos povos indígenas têm problemas com a manutenção de sua cultura tradicional e patrimônio imaterial causados pela ida de jovens para as cidades. E, tal problema, é consequência da presença das escolas nas comunidades.

Face aos problemas relatados acima, acreditamos que há necessidade de uma ressignificação dos saberes tradicionais tentehar na prática educativa da escola local. Para Luciano (2017, p. 14), a escola indígena só "poderá começar a transformar essa escola em escola indígena intercultural em seus termos, segundo suas próprias referências pedagógicas, cosmológicas, ontológicas e epistemológicas".

Em tal perspectiva, é importante que a comunidade Tentehar da aldeia Juçaral, em um processo de autoconhecimento, se pergunte: O que e como podemos aprender com as narrativas míticas, os saberes e as ciências que os nossos ancestrais nos transmitiram desde tempo imemoriais? Nessa direção, o estudo tem o objetivo geral de construir, com as vozes indígenas Tentehar, uma proposta pedagógica para o ensino-aprendizagem dos saberes, tradições e práticas culturais ancestrais na escola indígena local. E como específicos: a) cartografar narrativas míticas, histórias culturais presentes nos rituais, saberes e práticas culturais tentehar; b) dialogar com mestres de saberes, lideranças, professores, jovens e a comunidade, sobre o ensino/aprendizagem seus saberes e tradições culturais na escola; c) escrever, com os professores indígenas, uma proposta pedagógica transdisciplinar para o ensino-aprendizagem dos saberes, tradições e práticas culturais ancestrais na escola, destacando valores e princípios inerentes a esses saberes.

Compartilhamos com a ideia de Lévi-Strauss (2012) que o pesquisador antropólogo deve agir como uma espécie de trapeiro curioso, a recolher fiapos de conhecimentos, detalhes pitorescos. Nessa direção, faremos uso do método etnográfico e da abordagem de pesquisa qualitativa (GHEDIN; FRANCO, 2011). As técnicas de produção de dados serão entrevistas coletivas e individuais (SZYMANSKI, 2004); pesquisa documental (CHIZZOTTI, 2008); e a etnofotografia. O local do estudo será aldeia Juçaral, Terra Indígena Arariboia, zona rural do município de Amarante do Maranhão. Os sujeitos da pesquisa serão moradores, em diferentes pertencimentos sociais, saber: mestres de saberes; lideranças; professores; juventude (estudantes); pais e mães. Análise dos resultados será compreensiva. A comunidade tem pleno conhecimento do estudo e de seus objetivos, pois em observação aos aspectos éticos da pesquisa já solicitamos a autorização e a parceria para o seu desenvolvimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos como resultados oportunizar uma educação aberta ao diálogo, que em Paulo Freire fundamenta-se no "reconhecimento das diferenças culturais e epistemológicas como ponto de partida em qualquer que seja a situação educacional" (PERNAMBUCO; SILVA, 2006, p.205). Dessa forma, poderemos iniciar o exercício da religação de saberes (MORIN, 2000) em nossas escolas, desenvolver práticas educativas abarcadora da diversidade de saberes e inclusão epistemológica. Já, que acreditamos que outras narrativas educacionais abrirão às portas para uma democracia cognitiva (ALMEIDA, 2017).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação**: razão apaixonada e politização do pensamento. 2. ed. rev., ampl. Curitiba: Appris, 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil, subchefia para assuntos jurídicos. **Lei n. 9394**, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 19 out. 2013.

CARVALHO, I. M. de; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Raquel (orgs.). **Pensar o ambiente**: bases filosóficas para a educação ambiental. Brasília: MEC, UNESCO, 2006. In: PERNAMBUCO, M. Maria; SILVA, A. F. Gouvea da. Paulo Freire: a educação e a transformação do mundo.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. **A antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LUCIANO, G. J. S. Educação intercultural: direitos, desafios e propostas de descolonização e de transformação social no Brasil. **Cadernos CIMEAC** – v. 7. n. 1, 2017. ISSN 2178-9770 Uberaba – MG, Brasil.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2**: sobre vivências, piolhos e afetos (roda de conversa com educadores). Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

SÁ, Maria J. R. de. **Saberes culturais Tentehar e educação escolar indígena na aldeia Juçaral**. 2014. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém.

SZYMANSKI, H. (Org.). **A entrevista na educação**: a prática reflexiva. 4. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-158, maio/jun./jul./ago. 2003. Edição Especial.